

Obadyah Alliance

**COMO CONTAR
HISTÓRIAS BÍBLICAS A
CRIANÇAS JUDIAS**

Hakham David de Sola Pool

Obadyah Alliance

COMO CONTAR HISTÓRIAS BÍBLICAS A CRIANÇAS JUDIAS

Hakham David de Sola Pool, Ph.D.

Rabino da sinagoga hispano-portuguesa Shearith Israel, Nova Iorque

Prefácio do Hakham Yehonatan Elazar-DeMota

Tradução de Holean Costa

TÍTULO ORIGINAL

How to Tell Bible Stories to Jewish Children

© Bloch Publishing Company, Nova Iorque, 1913

AUTOR

David de Sola Pool

TRADUÇÃO, DIGITAÇÃO E CORREÇÃO GRAMATICAL

Holean Costa

REVISÃO TÉCNICA

Yehonatan Elazar-DeMota (Hakham)

EDIÇÃO

Holean Costa

Yehonatan Elazar-DeMota

CAPA

Holean Costa



www.obadyah.com

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa dos editores.

2017

As seguintes sugestões gerais para pais ou professores podem ser modificadas de acordo com a idade, sexo, escolaridade da criança e diferentes condições de instrução da classe ou do ensinamento individual.

PREFÁCIO

O rito Sefaradita Ocidental diz respeito a uma das comunidades judaicas mais tradicionais. Em meio à Inquisição, essa comunidade de judeus perseguidos foi capaz de restabelecer-se nas terras cristãs protestantes da Europa e no hemisfério ocidental. No ocidente, para ocultar sua identidade, referiam-se a si mesmos como "portugueses" e praticavam sua religião secretamente nos territórios espanhóis.

A Obadyah Alliance aprovou esta obra para atender a necessidade de educar nossas crianças. Em nossa época, para fortificar a comunidade de origem hispano-portuguesa, precisamos estabelecer instalações educacionais. É nosso desejo que, através deste livro, a Nação seja fortalecida na Torá e em seus preceitos.

Yehonatan Elazar-DeMota

Presidente da Obadyah Alliance

OBSERVAÇÕES DO TRADUTOR

Esta obra apresenta os meios para a exposição das histórias bíblicas para o público infantil. A estrutura do livreto, sua divisão e suas ênfases foram adotadas, tentando imprimir maior proximidade ao texto original.

O autor, com sua mente religiosa e acadêmica, sugere que adaptações para a realidade da criança sejam sempre feitas, tornando o exposto inteligível. Aconselha ainda sobre a abordagem de assuntos polêmicos e reflete se, realmente, essas questões são necessárias para todas as idades.

As instruções do ḥakham David de Sola Pool são tão excelentes que, mesmo quando simplesmente sugeridas, foram traduzidas como deveres imperativos.

O autor, com toda sua erudição, dedicou-se a escrever uma obra para o ensino das crianças, pois essas são os judeus de amanhã. Assim, ainda que contenha poucas páginas, a obra é relevante e deve constar nas bibliotecas de todos, principalmente dos pais e dos professores, para que a tradição seja transmitida de geração a geração de maneira satisfatória.

Holean Costa

ÍNDICE

Atitude mental do professor e do aluno	p.7
Propósito do ensino bíblico	p.8
Características da criança	p.9
Equipamento do professor	p.10
Métodos de apresentação e ensino	p.13

ATITUDE MENTAL DO PROFESSOR E DO ALUNO

(1) **Reverente:** Todos os ensinamentos religiosos devem ter uma base espiritual inerente. A atitude de reverência do professor ou o contrário disso, certamente, criará um espírito correspondente na criança.

(2) **Judaica:** Nunca se deve esquecer de que a Bíblia¹ é a base de nossa religião judaica e de nossa vida; portanto, para nós, é diferente de qualquer literatura, seja mitologia clássica, lendas antigas ou contos de Chaucer² ou Shakespeare. Essa diferença deveria ser determinante e fundamental ao se tratar das histórias bíblicas. Elas devem ser contadas trazendo uma conexão pessoal com a criança. Abraão não foi um homem antigo, que caiu dos céus em uma terra longínqua, entre povos desconhecidos; ele foi um ancestral da criança. Moisés não foi apenas um personagem histórico antigo, como Júlio César ou Napoleão, mas parte da história de nossa família, quase um parente distante.

(3) **Nacional:** Abraão, Moisés e outros grandes personagens bíblicos devem ser levados para perto da criança, não apenas como membros da sua família, mas também como membros do seu povo. Dessa forma, podemos ensinar às crianças a sentirem a unidade do seu povo e os imbuir em um espírito judaico nacionalista e patriótico. A criança que estuda nos Estados Unidos diz: “Nós, os americanos, derrotamos os britânicos.” De modo similar, crianças judias devem ter internalizada a autoidentificação com o passado judaico. O professor não deveria dizer: “Não foi corajoso da parte dos filhos de Israel”; mas dizer: “Não foi corajoso da nossa parte”. A criança deve ficar tão entusiasmada com os heróis judeus bíblicos quanto as crianças americanas são com Washington e Lincoln, ou a criança inglesa com Marlborough e Nelson. Somente se for ensinada com esse espírito, uma criança pode crescer, inconscientemente, em autoidentificação com seu passado bíblico.

¹ Sendo este um livro judaico, em todas as ocasiões em que aparecer a palavra Bíblia, refere-se à Bíblia Hebraica, também conhecida como Tanakh [תנ"ך] ou ainda Miqrá [מִקְרָא]. Tanakh é um acrônimo que se refere à Torá [תּוֹרָה] ou Lei, aos Nebi'im [נְבִיאִים] ou Profetas e aos Ketubim [כְּתוּבִים] ou Escritos. Miqrá significa “aquilo que é lido”. A Bíblia Hebraica é conhecida pelos cristãos como Antigo Testamento. (N. do T.)

² Geoffrey Chaucer: escritor, filósofo e diplomata inglês do século XIV. É muito lembrado por sua obra narrativa inacabada, Os Contos da Cantuária (“*The Canterbury Tales*”), uma das mais importantes da literatura inglesa medieval. (N. do T.)

PROPÓSITO DO ENSINO BÍBLICO

(1) **Para fazer judeus:** O propósito da história da Bíblia é fazer bons judeus, não treinar para testes ou criar expertos na Bíblia. Não a habilidade de passar em uma prova, mas “O temor a Deus é o princípio da sabedoria.”³

(2) **Moral:** A história é mais uma ilustração moral ou um ensinamento religioso do que uma conclusão *per se*. Mas, o propósito moral não deve ser enfatizado ou feito notável. Uma criança é rápida para tirar conclusões; então, elogio ou culpa devem ser apenas sugeridos, e a criança deve ser estimulada a aprender a lição sozinha. Além disso, não deve haver sermões vazios ou exagerados. As histórias devem ser contadas de maneira simples, natural e inteligível e, então, a própria criança tirará as conclusões morais.

Nessa relação, deve ser lembrada que os personagens bíblicos não foram sobrenaturais, mas pessoas de carne e osso, como nós. Deixar claro sua fragilidade humana e sua imperfeição evita o estabelecimento de falsos padrões e futuras decepções. A criança deve perceber que Jacob, Saul, David, Salomão e os outros eram seres humanos, sujeitos às mesmas tentações que nós e não pessoas irreais, com perfeição divina. Mas, não se deve pintar suas falhas com cores muito fortes. O mal não deve ser enfatizado, deve ser apresentado casualmente. O pecado de Jacob não é importante, mas sua disciplina após isso; não é o importante o pecado de David, mas sim sua sinceridade e seu arrependimento.

³ Mishlê/Provérbios IX, 10.

CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA

(1) **Imaginativa:** Crianças são muito imaginativas e, portanto, devem ser ajudadas a visualizarem as histórias corretamente. Lembre-se de que a Bíblia é: (a) antiga e, então, deve ser interpretada em termos modernos; (b) oriental e, então, deve ser traduzida para termos ocidentais; (c) representante de uma civilização simples, pastoril e agrícola e, assim, a imaginação da criança urbana contemporânea deve ser ajudada por termos familiares à sua cultura. A criança deve ser ajudada a imaginar corretamente, e bons métodos, exemplos e ilustrações devem ser usados livremente, para que a criança possa ter a verdadeira visão dos elementos da história bíblica, tais como o Tabernáculo e o Templo, um altar, uma sandália, uma tenda, uma carruagem, animais como o camelo, etc.

Por outro lado, não há necessidade de se tentar muito insistentemente verificar o antropomorfismo da criança. Não faz sentido para uma criança, por muitos anos, ouvir que “Deus é espírito.” A concepção da criança sobre Deus refinar-se-á automaticamente com o acréscimo dos anos.

(2) **Desinteressada pelo abstrato:** “Inveja” é algo sem sentido para uma criança, mas as histórias de Cain e Abel ou de José e seus irmãos são vívidas. “Cobiça” é uma ideia interpretada pela história da vinha de Naboth inequivocamente. “Amizade” é um conceito vago, mas a história de Jônatas e David é muito clara. O valor da verdade é melhor exemplificado por histórias como a de Jacob; coragem, pela de David; firmeza, pela de Mordekhay, etc. Portanto, ensinamentos morais devem ser personificados sempre que possível. A criança é uma admiradora natural dos heróis e precisamos estimular essa tendência, direcionando-a para nossos heróis judeus.

(3) **Imitativa:** A criança, quando sozinha, será apta a brincar de sacrifício de Isaac, da venda de José, etc. Então, deve-se tomar cuidado para não enfatizar aspectos dolorosos, cruéis e rudes.

EQUIPAMENTO DO PROFESSOR

(1) **Sinceridade:** O professor deve acreditar naquilo que ensina. Se o professor estiver em uma escola onde o espírito do ensino está de acordo com sua visão, não haverá nada que o impeça de fazer seu trabalho. É impossível ensinar aquilo no que não se acredita sem prejudicar a sinceridade da criança e abalar sua fé.

(2) **Entusiasmo:** O professor deve estar sempre interessado de modo pessoal, nunca indiferente, mecânico ou desapaixonado. Sem entusiasmo, o ensino será sem vida e servirá apenas para cansar a criança e lhe dar uma duradoura aversão à Bíblia e também à religião preservada pela Bíblia.

(3) **Simpatia e paciência:** É essencial entender o ponto de vista da criança, para compreender suas dificuldades e valorizar seus interesses.

(4) **A Bíblia:** A própria Bíblia deve ser usada para criar uma atmosfera verdadeira e precisa. Sempre que possível, deve ser a Bíblia Hebraica. Se uma versão for usada, que seja a mais próxima do pensamento judaico. O professor deve, sempre, ir às fontes originais e evitar perpetuar erros de livros didáticos, tais como o que diz que as Maçoth⁴ foram assadas pelo sol nas costas dos filhos de Israel ou que os irmãos de José – e não os midianitas – tiraram-no do poço e o venderam aos ismaelitas, ou ainda que o Faraó morreu afogado no Mar Vermelho. O professor, portanto, deve estudar previamente até mesmo a lição mais familiar, para ter certeza de seus detalhes, para evitar embaraços e para ser capaz de responder a questões inesperadas. Livros didáticos e outras ajudas podem também ser usados na preparação para corrigir cronologia ou unificar uma história espalhada em diversas partes da Bíblia; mas eles **nunca** devem ser levados para as aulas. Há um registro de uma criança que só usava o *L.B Abrahams' Manual of Bible History* e, quando perguntada “quem escreveu a Bíblia?”, respondeu “o senhor Abrahams.”

(5) **Conhecimento completo e quase literal da história:** A história nunca deve ser lida completamente em um livro. Deve ser sempre narrada. A Bíblia pode ser usada para citações exatas, mas não para a leitura completa de uma história. A história tem que ser construída pelo professor, senão não poderá interessar à

⁴ Plural de maşá [מַשָּׂה], que significa pão ázimo ou não fermentado. (N. do T.)

criança. É dever do professor mais ensinar as lições do que ouvi-las; do contrário, o momento torna-se um fardo para criança, em vez de um prazer. Se se ensinam as histórias frequentemente, as crianças aprendê-las-ão sem esforço.

(6) **Conhecimento bíblico geral:** O professor deveria ser, pelo menos moderadamente, familiarizado com os conteúdos de toda a Bíblia, e deve ter algum conhecimento da literatura apócrifa. Os seguintes são essenciais:

(a) Um domínio de toda a Bíblia, com um conhecimento do desenvolvimento do povo sob a liderança de Moisés, os Juízes e a monarquia e a teocracia depois do exílio.

(b) Uma concepção geral da função e da atividade dos profetas, sacerdotes e levitas; o papel do Tabernáculo e do Templo na vida diária; o significado profundo do sistema sacrificial; a natureza das festas de peregrinação, etc.

(c) Um conhecimento das principais leis que afetam a vida diária; o tratamento dos idosos, servos, trabalhadores, estrangeiros, ricos e pobres; as leis contra superstição e idolatria; regulamento do serviço militar; avaliação de propriedade (de que outra forma seria explicada a história de Ahab e Naboth?), leis de dízimo e caridade (história de Rute), etc.

(d) Conhecimento arqueológico suficiente para ser capaz de explicar, aproximadamente, os equivalentes modernos de pesos, medidas e moedas; as características dos animais e das plantas bíblicas (de que outra forma poderia a parábola de Lotam ser entendida?); costumes como unção, reverência, lavagem de mãos e pés, lançar sorte; artigos bíblicos de vestimenta e mobília; métodos de arado bíblicos; fabricação de tijolos, etc.

(e) Conhecimento das principais características geográficas e topográficas da região da Judeia; as principais cidades, montes, vales, rios e lagos; divisões políticas; e a importância política dos países vizinhos; condições climáticas que afetavam as chuvas, colheitas, etc.

(f) Conhecimento do caráter dos povos das regiões bíblicas e das terras vizinhas e o caráter e significados dos vários cultos idólatras com os quais os judeus dos tempos bíblicos entraram em contato.

(g) Alguma ideia da história literária da Bíblia; um reconhecimento dos variados conteúdos da Bíblia, a diferença do caráter de cada livro e de seus propósitos,

estilos e datas de composição; uma concepção das características da poesia hebraica e da literatura de sabedoria.

Toda essa informação pode ser obtida de maneira concisa de manuais bíblicos. Dicionários e enciclopédias bíblicas também podem ser consultados. Mas, tais trabalhos de referência devem ser usados com muito cuidado. Todos eles são escritos a partir do ponto de vista cristão e, portanto, a maioria não é apropriada para o uso de professores judeus, devido a seu conteúdo ser contrário ao Tanakh e em favor do Novo Testamento, resultando na aceitação de teorias críticas radicais e destrutivas sobre o Tanakh como fatos provados.

MÉTODOS DE APRESENTAÇÃO E ENSINO

(1) **Ênfases variadas para meninos e meninas:** Para meninos, deve-se escolher, especialmente, mais histórias de guerra, vitórias, lealdade, bravura, patriotismo, força, julgamento, dificuldade, etc. Para meninas, mais peso deve ser posto em histórias domésticas, tais como as de Sara e Rebeca (que devem ser o centro de suas vidas de casada, enquanto que, para garotos, Eliezer deveria ser o centro da história), Miriam, a boa irmã; Rute, a boa filha; Ana, a boa mãe, etc. Para cada criança, deve-se escolher histórias de crianças, isto é, Isaac, José, Samuel, David, Joás, etc.

(2) **Desenvolvimento através de perguntas:** A história não deve ser toda contada pelo professor. Deve-se fazer o uso constante de perguntas, para que a própria criança desenvolva a história. Esse método, no qual a criança participa do ato de contar a história, mantém vivo o interesse e treina o raciocínio moral da criança. O imaginário oriental e as inúmeras metáforas poéticas da Bíblia também podem ser melhor explicadas pelas próprias crianças, com a ajuda de algumas perguntas sugestivas do professor.

(3) **Problemas históricos e críticos:** Referências a esses devem ser omitidas a todas, exceto às crianças mais velhas, isto é, as maiores de 15 ou 16 anos.

(4) **Problemas teológicos:** A criança não deve nunca ser confundida com questões controversas, como os limites exatos da inspiração, a imanência ou transcendência da divindade.

(5) **Problemas morais:** Para crianças mais velhas, dificuldades aparentes não devem passar em silêncio, mas devem ser apresentadas apenas de maneira casual, nunca sendo enfatizadas. Se a criança levantá-las, deve ser estimulada a decidir e julgar por si mesma como a dificuldade deveria ser resolvida.

(6) **Milagres:** A criança tem poucas – se é que tem – dificuldades com milagres. Para ela, não há natureza inata; e, para a criança, explicações racionalizadas de milagres são tão fora de lugar quanto são usualmente incorretas e absurdas. Mas, o professor deve estar vigilante para não ensinar como

acontecimentos milagrosos o que a Bíblia conta como puramente natural. Somente uma leitura muito minuciosa da história da Bíblia e, frequentemente um conhecimento do hebraico, podem guardar contra esse perigo comum. Além de tudo isso, em se tratando de milagres, a verdade fundamental que deve ficar clara é que o elemento miraculoso na história não é o elemento central e essencial. Por exemplo, a grandeza de Elias não está em seus milagres, mas em seu embate heroico por Deus contra Baal.

(7) **Omissões:** Aquilo que é inapropriado para crianças deve ser omitido. Mas, é possível preservar o espírito da história com uma paráfrase e, sempre que possível, isso deve ser feito.

(8) **Ciência e a Bíblia:** Em todos os momentos, deve-se deixar claro que a Bíblia não é um livro didático de geologia, geografia, história, etc. Mas, seu valor permanente está contido em seus ensinamentos. Então, por exemplo, a importância do primeiro capítulo de Gênesis não é, essencialmente, afetada se concorda ou não com as mais recentes teorias geológicas. Seu imenso valor está em seus ensinamentos sobre a maravilha e beleza da Criação, a origem divina do mundo, a criação do homem à imagem de Deus, a providência de Deus ao dar comida, bebida, roupa, abrigo prazer e o Shabbath para o repouso – em resumo: “E Deus viu tudo o que fez e eis que era muito bom.”⁵ De modo geral, não se deve levantar essas dúvidas na mente de uma criança. Virão com o desenvolvimento natural da criança. Os ensinamentos rudimentares devem dar à criança um preparo **positivo** em relação à fé, que a capacitará, ainda jovem, a lutar com a dúvida e vencê-la.

(9) **Cronologia:** Para crianças mais novas, isso pode ser negligenciado. A Bíblia não é um livro didático com Gênesis para os principiantes e Crônicas para os mais avançados. A seleção livre de um texto mais apropriado deve ser feita e Abraão e Ester podem ser abordados em uma mesma aula. Para crianças mais velhas, a negligência da cronologia deve ser evitada. Para eles, a história bíblica deve ser consecutiva e natural, chegando até os tempos hodiernos em uma continuidade sem fissuras. Datas dignas de nota, por exemplo, 586 A.E.C., devem ser bastante lembradas, para convencer as crianças da sequência histórica

⁵ Bere'shith/Gênesis I, 31.

apropriada. Mas, o passado muito remoto não deve ser enfatizado. A criança pensa sobre a história da Bíblia isto: “aconteceu em algum momento antes de eu nascer.”

(10) **Geografia:** Deve ser imaginada e visualizada. A saída do Egito, a peregrinação no deserto, a travessia do Jordão, a terra prometida, os reinos do norte e do sul, etc. Tudo deve ser visualizado em cada local através da constante ajuda de mapas.

(11) **Profecia:** Deve-se deixar claro para crianças mais velhas que profecia não necessariamente significa prever o futuro, mas ensinamentos religiosos inspirados sobre problemas imediatos do dia. Devem perceber que os profetas foram pessoas reais, com uma mensagem histórica definida e um contexto. Os profetas devem ser “trazidos à vida” e a elas, e não permanecerem inatingíveis, sombras santas. O peso de seu ensino social e religioso deve ser traduzido com termos modernos.

(12) **Memorização:** A criança deve memorizar não coisas como os nomes dos descendentes de Caim, os lugares de campanha dos filhos de Israel, os nomes das cidades de refúgio, os reinos, os números em um exército, etc.; mas versos, ensinamentos, leis, ditos, provérbios, promessas a Israel, declarações de fé, etc. Sempre que possível, até mesmo a criança pequena deve aprender expressões hebraicas curtas, tais como “hinni”⁶ (eis-me aqui), “eiká”⁷ (onde tu estás?), “attá ha’ish”⁸ (tu és o homem), “weahabtá lere`ekhá kamokha”⁹ (e amarás a teu próximo como a ti mesmo).

⁶ Da direita para a esquerda: הַנִּי (N. do T.)

⁷ Da direita para a esquerda: אֵיכָה (N. do T.)

⁸ Da direita para a esquerda: אַתָּה הָאִישׁ (N. do T.)

⁹ Waiyqr’á/ Levítico XIX, 18. Conforme o original em hebraico: וְאַהַבְתָּ לְרֵעֶךָ כְּמוֹךָ (N. do T.)

דוד די סולה פול



Hakham David de Sola Pool, a"h, nasceu em Londres, Inglaterra, em 1885. Era descendente de uma velha e renomada família de rabinos e autoridades acadêmicas. Estudou na *University of London* e tinha um doutorado em línguas antigas pela *University of Heidelberg*. Foi rabino da sinagoga Shearith Israel, em Nova Iorque. Escreveu diversas obras importantes como *The Kaddish* (O Qaddish) e *Why I am a Jew* (Porque eu sou judeu). Seu nome é uma referência em termos de liderança judaica no século XX. Faleceu em Nova Iorque, em 1970.